

Luis Lancelle

O benefício do uso de softwares de iluminação

Por Erlei Gobi

A CADA ANO, OS SOFTWARES DE ILUMINAÇÃO ESTÃO sendo aperfeiçoados para auxiliar os lighting designers na elaboração de seus projetos luminotécnicos. Apesar dessa evolução, os profissionais brasileiros ainda fazem pouco uso desta importante ferramenta de cálculos luminotécnicos, talvez por falta de divulgação das próprias empresas desenvolvedoras.

Nesta entrevista exclusiva, Luis Lancelle, argentino radicado no Brasil há 41 anos, especialista em softwares de iluminação e professor de cursos de pós-graduação nas áreas de Engenharia e Arquitetura, fala sobre os benefícios desta ferramenta para os lighting designers, dos principais softwares da atualidade e de sua utilização pelos profissionais brasileiros da área. Conta, também, um pouco de sua trajetória no mercado de iluminação e opina sobre qual a melhor formação acadêmica para os novos lighting designers.



Divulgação

Para que um software seja reconhecido como significativo em nossa área, seus produtos de cálculo precisam ser fisicamente corretos, ou seja, não é importante que seus renders sejam bonitinhos ou fotorrealistas, mas precisam ser fisicamente fundamentados; físicorrerealistas.

Lume Arquitetura: Conte-nos sua trajetória profissional e como a iluminação se tornou sua principal atividade.

Luis Lancelle: Estava atuando em Engenharia de Sistemas, no que sou mestre, quando, em 1982, conheci Nils Ericson, um dos profissionais que introduziram no Brasil a iluminação tal como a entendemos agora. Eu não sabia nada de iluminação, apesar de ter assistido aulas de duas importantes disciplinas dessa área em minha formação: Luminotécnica e Sistemas Ópticos Centrados.

Assim que Nils me passou os conhecimentos necessários para abrir em Brasília a primeira representação de sua empresa de Light Design, com o nome de Criativa, Arte de Iluminar, o êxito foi imediato. Posteriormente, representei também três fábricas muito importantes naquela época: Lustres Projeto, Hobby Light e Altena-Targetti e, em 1987, instalei, em Brasília, a primeira La Lampe fora de São Paulo.

Eram épocas de glória, nas quais desenvolvíamos projetos, vendíamos aparelhos e instalávamos; ganhei muito dinheiro naqueles anos... Em 1986, a Philips me deu uma cópia do seu software Calculux e, a partir daí, continuei projetando com o auxílio de softwares de iluminação. Paralelamente, já tinha dado muitas aulas nas áreas de engenharia e arquitetura quando, em 2002, uma Universidade do Rio de Janeiro me solicitou a elaboração de um curso de pós-graduação em iluminação. Assim surgiu o curso Lato Sensu de Projetos Luminotécnicos, que foi ministrado até dois anos atrás em várias capitais do Brasil e contou com os melhores profissionais da

área como professores, tanto na parte acadêmica quanto na parte prática.

Lume Arquitetura: Você é argentino radicado no Brasil. Por que decidiu morar no país?

Luis Lancelle: Em 1972, a empresa Hidroservice, de São Paulo, contratou-me para desenvolver, em dois anos, o projeto da área de tecnologia da informação do Aeroporto do Galeão – e eu voltaria para Buenos Aires. Por uma coisa ou por outra, o retorno foi demorando e estou aqui até agora. Claro que já não tem mais volta.

Lume Arquitetura: Você é um engenheiro especializado em iluminação. Qual sua opinião sobre a resolução Nº 51 do CAU, que restringe os projetos de iluminação apenas aos arquitetos?

Luis Lancelle: A iluminação é uma disciplina que está no limite entre a engenharia e a arquitetura. Há países em que os engenheiros a encamparam, noutros, os arquitetos. No Brasil, foram os arquitetos que historicamente atuaram mais intensamente na área e, naturalmente, reivindicaram a sua propriedade. Porém, acredito que a história ainda não acabou. Acho que a iluminação tem muitos elementos de arquitetura e de engenharia, mas tem também de biologia, de psicologia, de sociologia, de arte, e por lá vai, de tal forma que merece sua independência como arte-técnica-ciência, ainda que seja pouco provável que essa independência aconteça no Brasil, pelo menos por enquanto.

Lume Arquitetura: Você possui vasto conhecimento em softwares de iluminação.

Quando começou a se especializar nesta área e por quê?

Luis Lancelle: Como relatei acima, meu primeiro contato com software de iluminação, que devo a Philips, foi bastante fortuito. A partir daí, meu envolvimento se deve fundamentalmente a minha formação profissional, que é em sistemas, o que me facilitou bastante conciliar ambas as áreas por meio do software.

Lume Arquitetura: Quais os principais softwares de iluminação disponíveis hoje no mercado e quais características os diferenciam?

Luis Lancelle: Os quatro principais softwares que sobreviveram de um total de aproximadamente dez significativos são: AGI 32, Relux, Dialux 4 e Dialux evo. Os dois últimos, apesar de serem da mesma software house, são produtos muito diferentes.

Para que um software seja reconhecido como significativo em nossa área, seus produtos de cálculo precisam ser fisicamente corretos, ou seja, não é importante que seus renders sejam bonitinhos ou fotorrealistas, mas precisam ser fisicamente fundamentados; físicorrerealistas. Claro que se o software possuir as duas características, melhor.

Desses quatro softwares, podemos dizer que os três primeiros são conceitualmente bastante parecidos, e o quarto, Dialux evo – lançado recentemente – é bastante inovador, já que permite realizar integralmente o projeto luminotécnico de um prédio, enquanto os outros são monoambiente, ou seja, o projeto de um prédio se dá pela somatória dos projetos de todos seus ambientes.



Simulações de iluminação realizadas no software DIALux evo.

Lume Arquitetura: No início de 2009, a revista *Lume Arquitetura* fez uma reportagem sobre os softwares mais utilizados no Brasil. Na ocasião, uma pesquisa elaborada pela redação junto a 56 lighting designers revelou que os preferidos são, nesta ordem: Relux, Dialux e AGI 32. Você poderia comentar o resultado e estimar se hoje ele seria diferente?

Luis Lancelle: Naquela época, essa avaliação era correta. A predileção por Relux e Dialux era devido ao fato de serem gratuitos perante o AGI 32, que era pago. A situação mudou radicalmente a partir do ano passado, quando foi lançado o Dialux evo com a característica marcante mencionada, além de outras menos importantes, que o torna realmente um software muito superior aos outros três, apesar de ainda lhe faltar a implementação de algumas facilidades fundamentais, como luz natural e iluminação de emergência.

Lume Arquitetura: Você acredita que a maioria dos lighting designers brasileiros faz uso dos softwares de iluminação? Por quê?

Luis Lancelle: São poucos os lighting designers dentre os que atuam efetivamente na projeção luminotécnica que, no momento atual, utilizam softwares de iluminação. Ainda que os utilizem, fazem-no como simples apresentadores de pro-

jetos e não como poderosas ferramentas auxiliares de cálculo.

Lume Arquitetura: Em sua opinião, estes profissionais dominam a ferramenta? Ou elas ainda são subutilizadas?

Luis Lancelle: Continuando com a ideia anterior, é isso o que exatamente está acontecendo. Por uma questão de valorização do projeto, usam os softwares como ferramentas de apresentação que, a meu ver, também é extremamente importante, porém, sua parte mais significativa, o cálculo e a simulação, é deixada de lado.

Isto não é muito preocupante, pois acredito que rapidamente, e devido ao fato da existência atual de muitas restrições decorrentes das novas normas, o uso de softwares vai ser imprescindível, já que os projetos intuitivos não conseguem dar uma resposta satisfatória a essas restrições.

Lume Arquitetura: Temos observado o surgimento acentuado de cursos sobre softwares, provavelmente em razão da demanda aumentada. O que o profissional deve observar quando se inscreve num curso sobre softwares?

Luis Lancelle: É muito importante ter ciência que sem os prévios conhecimentos de iluminação o uso de softwares dessa natureza é totalmente errático, ou seja, o profissional tem que ter consciência se

está ou não apto para seu uso correto, e que o software não projeta, auxilia.

Lume Arquitetura: Dominar um software de iluminação não significa estar apto a conceber e realizar um projeto lumino-técnico. Como deixar isso claro para os profissionais, especialmente os de novas gerações que têm mais afinidade e facilidade com os processos virtuais?

Luis Lancelle: Esse esclarecimento depende da ética de quem ministra os cursos. Em muitas oportunidades, por uma questão de mercado, vende-se um curso de 20 horas como suficiente para, por exemplo, elaborar projetos de arquitetura hospitalar, quando se sabe perfeitamente bem que é impossível em 20 horas ter esses conhecimentos.

Lume Arquitetura: Por que apenas poucas empresas brasileiras disponibilizam os dados dos seus produtos para softwares de iluminação? Como mudar este panorama?

Luis Lancelle: A baixa oferta dos dados fotométricos por parte dos fabricantes depende da pouca demanda que eles têm por parte dos lighting designers. Por outro lado, os ensaios necessários são relativamente caros e, até há pouco tempo, não existiam linhas de crédito disponíveis, que agora começam a aparecer. ◀